

TRIBUNA Livre

27
JUNHO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62113 - AMARES

Revisão Constitucional

==Por EME==

A proposta de revisão constitucional, já em adiantado estado de discussão na Assembleia Nacional, provocou, como não podia deixar de ser, visto tratar-se do diploma máximo da Nação, uma certa efervescência e até discordância acentuada em razoável número de deputados.

Falou-se abertamente, ventilaram-se ideias, apresentaram-se razões, procurou fazer-se luz em salutar debate. Veuse que dentro do Regime vigente podem coexistir e coexistem, de facto, homens de ideais antagónicos — republicanos e monárquicos — e todos abertamente expuseram a excelência da sua doutrina, especialmente os manárquicos que, a propósito do artigo 72º, exaltaram a sucessão dinástica.

Não há que condenar esta exposição de ideias, se bem que não estava posta a questão de regime; mas soube-se finalmente compreender que acima de tudo, mais do que em qualquer ocasião a unidade nacional necessita de cultores apaixonados que formem barreira ao perigo externo que

ameaça o Mundo e de uma maneira especial a Península, como vamos vendo.

Os últimos actos eleitorais vieram demonstrar, claramente, o quanto se resvalava para um «golpe de Estado constitucional», perigo que a eleição por sufrágio universal directo poderia acarretar com evidente prejuizo dos interesses nacionais, concorrendo, além disso, para desvirtuar a dignidade política do alto cargo de Chefe de Estado. Não foi uma questão de medo, como alguém sugeriu, mas simplesmente acto de boa prudência adoptar a votação indirecta por meio de um colégio eleitoral de escol, que além disso se coaduna melhor com a essência do actual Regime Corporativo.

O sufrágio universal directo continua a vigorar para a eleição dos deputados e, por isso, não será vedado à Nação manifestar-se a favor ou contra os actos do Governo; porém, a eleição do Chefe do Estado ficou restrita, segundo a letra da Lei agora aprovada, a um colégio eleitoral constituído pelos membros da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa, em efectividade de funções, e pelos representantes municipais de cada distrito ou de cada província ultramarina não dividida em distritos e, ainda, pelos representantes dos concelhos legislativos das províncias de governo geral e de governo simples, respectivamente.

E tendo-se em visto a política de renovação que se iniciou, em boa hora, começou por dar-se o exemplo, do alto, tornando improrrogável o período de 7 anos por que o Chefe de Estado é eleito; de 7 em 7 anos teremos, invariavelmente, novo Presidente da República.

Continua na 6.ª página)



Dia 24 de Junho
Grande manifestação
de fé nacionalista e
religiosa

Braga recebeu com fidalguia o Senhor Presidente da República.

A Capital do Minho, terra de Santa Maria e de S. João Baptista e berço da Revolução Nacional, soube em todos os tempos conciliar o espiritual com o temporal — e mais uma vez, ao receber o mais alto Magistrado da Nação, esteve dentro da sua [tradição milenária.

Sua Excelência veio de s de Lisboa, em triunfo, por este Portugal renovado, a inaugurar, a festejar, a usufruir já o engrandecimento da Nação e a auscultar os anseios dos povos para novos rumos.

Em Braga viu pulsar o Coração Minho-

tar em toda a sua exuberância de cor e movimento — sentiu a alma do povo cantar, tocar, bailar, e também viu o Minho ajoelhar, respeitosamente, à passagem da procissão dos Três Santos do mês de Junho.

Grande manifestação de fé nacionalista e religiosa foi a do dia 24 de Junho!

Viviua o seu espírito de marinheiro crente e patriota, lídimo e representante das gerações lusíadas que deram novos mundos ao Mundo e para o que muito contribuíram as castiças gentes deste Minho de riso franco, de coração aberto e sobriedade de maneiras, que se mostrou ao Senhor Presidente da República tal qual é: na sua fé, nos seus folguedos, nos seus insuperáveis sentimentos de amor a Deus e à Pátria, sempre pronto a dar-se de alma e coração.

Que o povo do Minho e de Portugal inteiro continue a cantar, cada vez com mais fé e com maior patriotismo, as glórias da raça, e saiba viver a euforia e engrandecimento do presente, com os olhos postos no futuro que desabrocha em prometedora aurora, que já causa desespero aos que não têm fé!

Os herejes da política são mais fanáticos do que os da religião; não crêem, nem mesmo com milagres à vista!...

Comentários

Veríssimo...

Portugal, sempre carinhoso para com todos aqueles que o visitam, recebeu com extraordinária fidalguia Erico Veríssimo, elemento preponderante da extrema esquerda... brasileira. Mostrou-lhe tudo — e deixou-o falar onde quis e como quis.

Sabia-se aqui, sem dúvida, que este Erico Veríssimo era o mesmo que no Brasil desafiava torrentes de palavras contra certas ditaduras — ou seja, em suma, as que não eram, de verdade, ditaduras.

Mas Salazar entendeu que o devia deixar falar.

De Barcelona, Veríssimo escreveu uma carta que «A Marcha» de 2 do corrente apreciou nos seguintes e justos termos:

«Erico, deitando falação numa carta de Barcelona aos seus «companheiros» do Brasil, não se mostrou em nada veríssimo. Atacando o Governo de Salazar, depois de todas as gentilezas que este lhe

Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva
(Continuação do número anterior)

* * *

Caro leitor, estas exortações de pouco ou nada valeram e fica por aqui a breve história de quanto foi alvorçada a vida das populações até ao fundo dos próprios meios ru-

(Continua na 4.ª página)

Sinalização que causa grandes transtornos

A Direcção de Estradas do Distrito, no intuito louvável de indicar aos automobilistas, nos cruzamentos, as terras servidas pelas várias estradas, acrescentou, há tempos, no cruzamento da Confeitaria Palmeira, ao nome Ponte do Porto, o de Amares.

Ora não está bem.

Como todos sabem, estas sinalizações muito louvavelmente colocadas servem só para os visitantes que desconhecem as terras, pois nós nem nelas reparamos, e neste caso são enganados, obrigando-os a percorrer inglória-

(Continua na 5.ª página)

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

Quanto custa uma Imprevidência

A lista das vítimas dos pequenos descuidos é na verdade bastante numerosa e tanto mais de lamentar que não se vislumbra tendência para uma realidade melhor.

Contudo, o preço da imprevidência é quase sempre enorme e por vezes exige o pagamento de juros até à sepultura. E se nos lembrarmos que tanta desgraça é quase sempre o fruto de um pequeno descuido, vale bem a pena prosseguir nesta nossa já velha cruzada de esclarecimento e de educação geral.

E não nos faltam argumentos para fundamentar as nossas chamadas à paciência, ao bom senso e à calma. Encontramo-los com demasiada, com trágica frequência, nas crónicas dos jornais. Fulano, não quis levantar-se a horas, carregou no acelerador do seu automóvel para chegar um minuto mais cedo ao seu destino e agora, depois de estar seis meses no hospital, tem de arrastar-se durante a vida, sem a perna que o cirurgião teve de lhe amputar. Depois temos cicrano, que não quis esperar um momento, era só o que faltava para que a digestão

terminasse, e foi tomar o seu rico banho naquela magnífica tarde de sol. E agora, devido a uma congestão jaz num coval do cemitério, enquanto a esposa e os filhos, privados do seu amparo, se debatem numa dolorosa realidade de incertezas e lutas.

E Mengrano, que tantas vezes pensara em mandar fazer uma tampa para cobrir o poço que abria na quinta, viu o seu próprio filho afogado, só porque guardara para *amanhã* o que deveria ter feito *ontem*.

Por ter chegado um segundo—foi só um segundo—tarde à estação, e não querer perder o comboio, para o qual correu quando ele já deslizava, está agora sem as duas pernas um simpático chefe de família, que vivia contente e feliz na sua aldeia natal.

E todo este luto foi apenas obra de um momento de fraqueza, a que tantos chamam sorte ou destino!—e que custa realmente caro.

Tal é o preço de uma simples imprevidência!

(Da Liga de Profilaxia Social)

Culinária

Sopa de Camarão

Cozem-se os camarões em água temperada de sal e descascam-se.

Aproveitam-se as cabeças e as cascas e levam-se a ferver, em água suficiente para a sopa, durante 2 horas.

Passa-se pelo coador, engrossa-se a água com farinha de trigo e junta-se-lhe um pouco de manteiga.

Deixa-se ferver 5 a 10 minutos e está pronta a servir.

Pudim de laranja

6 gemas, 4 claras, raspa de uma laranja e sumo de duas, 250 gramas de açúcar, 1 colher de manteiga.

Bate-se o açúcar com a manteiga (que para facilitar pode estar derretida) até a massa ficar branca.

Junta-lhe os ovos, a raspa e sumo das laranjas e um pouquinho de sal refinado.

Unta-se com um pouco de manteiga uma forma, deita-se-lhe a massa e leva-se a cozer em banho-maria durante uma hora.

Lombo de porco assado

3 kg. de lombo de porco (a quantidade varia conforme o número de pessoas) 1 limão (o sumo) 4 dentes de alho, 1 copo de vinho branco, 1 colher (das de sobremesa) de colorau, 3 colheres (das de sopa) de pingue, sal q. b.

A Minha Casa D'Aldeia

Entre arvoredos lá está velhinha,
A minha casa negra, defumada.
Entre verdes assiste à esfolhada
Ou dorme sonhando à tardinha.

As videiras francas e carregadinhas,
Confiadas se apoiam arquejantes
À velha casa de pedras remurejantes,
Onde viviam alegres criancinhas.

E, onde se ouviram pelas quebradas
Canções alegres, viras graciosos
Ou reluziam vivos e vistosos
Lenços, das lavradeiras descuidadas.

As hortas imensas e bem tratadas,
Abrigam em seus seios lindas florinhas
Que são enlevo pueril das criancinhas.
Adorno das donzelas amorenadas.

A minha casa d'aldeia, tão distante,
É coberta de colmo acastanhado.
Guardo nela o meu sonho perfumado,
Em tempos, uma canção inebriante.

Entre arvoredos lá está, formosa,
Despertando num beijo a natureza.
A minha humilde casa portuguesa
Lá está, entre videiras, caprichosa.

Jandira Fernandes

Esfrega-se bem a carne com o alho esmagado, juntamente com o sal e o colorau doce.

Coloca-se numa assadeira, deita-se-lhe o vinho, o sumo de limão, barra-se bem com o pingue e deixa-se assim de um dia para o outro.

Leva-se então a assar em forno regular, esfregando-o de vez em quando com os próprios temperos.

Pode servir-se quente ou frio. Para o acompanhar pode fazer-se puré de maçã, qualquer preparado de legumes ou ainda castanhas cozidas, servidas inteiras ou em puré.

Visado pela Censura

Estou condenada à morte. A doença mina, bem sei... Mas, e esta filha, fruto de uma felicidade perdida?

Tenho de deixá-la a quem vele por ela.

Lembrei-me de vós. São tão felizes mesmo sem filhos que muito mais o seriam se um riso de criança pairasse no vosso lar.

Recebei-a e Deus vos recompensará.

Não chorem a mulher vil mas lamentem a desventurada mãe.

Deus lhe pague.

«Maria do Céu».

Pobre Marta! Com que dor ela leu aquela carta onde não se antevia um só desejo de reconciliação, tudo era ódio.

Olhou o marido, a criança e muito a medo, como que temendo uma censura, perguntou:

—Meu Vasco, ficamos com ela?

Ele, o jovem másculo, de de tez alva mas de coração generoso, meigo, responde:

—Sim, meu amor.

Nada mais dissera. Ela tinha nos braços uma criança de olhos ternos e sorriso meigo. Era mãe.

Vasco, o pai futuro daque-

Continua na 5.ª página

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V-201 TELEFONE, 30.29
(S. VICTOR) BRAGA

A INTRUSA

Conto por Jandira Fernandes

São 11 da noite...

O relógio da sala acaba de marcar a última badalada da 23.ª hora daquele dia, o dia 15 de Agosto.

Numa das dependências do «Casal Florido», o jovem engenheiro Vasco de Almeida Junior trabalhava no novo projecto do hospital das Dorotheias; sua esposa, a formosa Marta, faz tricot.

Tudo é paz.

Há já sete anos que estavam unidos pelo laço indissolúvel do matrimónio e ainda Deus não os quis premiar com um daqueles anjos terrenos... um filho.

O silêncio mantinha-se. A atmosfera que ali se respirava era de calma e felicidade.

De repente, vindo do exterior, ouve-se um vagido de criança.

Marta sobressalta-se, olha o marido. Ele olha-a também e sorri: haviam tido, por certo, o mesmo pensamento.

Eram tão comuns as suas ideias!

A criança, que se calara, volta de novo a um choro con-

tinuo, desesperado, para calar-se passados minutos.

Vasco levanta-se, aproxima-se da janela, espreita.

Nada. Tudo escuro. Solidão.

Nem a mais leve aragem se faz sentir.

Volta-se para o interior dizendo meigamente:

Não é nada. Foi imaginação nossa. Devíamos proibir o pensamento de nos dar ideias semelhantes.

Aproxima-se da esposa e depõe um beijo naquela face tão mimosa.

Ambos mantinham o mesmo entusiasmo dos primeiros tempos de casados. O seu amor não esfriava, pelo contrário, aumentava dia a dia. Viviam mais intensamente apaixonados um pelo outro, tentando pôr termo à tristeza que deles se apoderava com a ausência de uma criança naquele lar.

O silêncio reinou por mais uns minutos.

Seriam quase 11 e 30 quando de novo o choro de uma criança se fez ouvir.

Vasco levanta-se e dirige-se para a porta principal, abre-a...

Quando vai para sair nota um fardo volumoso deitado na soleira. Levanta-o cuidadosamente e dirige-se a sua esposa para que o ajude a ver o seu conteúdo.

Passados instantes, da boca dos dois esposos, sai este grito de espanto e alegria: «Uma criança!»

Depois, olham-se espantados... Que fazer? Ao remexerem a roupa do bebé encontram dentro um subscrito que lêem.

Era um grito de dor e desespero. Era o desabafo de uma infeliz que bradava aos céus pedindo piedade, não para os seus pecados.

E, foi chorando, que Marta releu:

«A mão esquerda de Deus poisou sobre mim, não permitindo que eu criasse este anjo para a Glória do Seu Nome, pois que me vai levar sem dó, sem clemência ou piedade para com uma desventurada mãe.

Eu ultrajei o Céu com as mi-

nhas vilanias.

Roubei e, se não matei foi porque a isso não me obrigou o meu capricho de mulher maldita.

Tenho nas veias o sangue de Satan...

Fui feliz e boa enquanto vivi com meu marido.

Um dia, ele foi para as minas e não voltou...

Eu era bela, mesmo muito, reconheço-o.

Comecei a pedir emprego, foi difícil consegui-lo.

Mas, uma das minhas amigas, vil e adúltera, profanou-me a alma. Foi há sete meses. Já a minha Alice tinha dois meses, nascera após meio ano da morte de meu marido.

Comecei a aspirar luxo, a ter ânsias de levar uma vida libertina. Tudo corria bem até que uma panela de água fervente me veio atingir em pleno rosto. E, a minha face que tantas tentações causara, era agora motivo de nojo e repulsa.

Tive fome, roubei. As minhas amigas fugiam de mim, já não tinham necessidade deste farrapo.

O meu orgulho fora atingido. Tornei-me pior e mais revoltada. Malditas sejam elas! Odeio-as.

TRIBUNA do CONCELHO

Praias Fluviais

Entre Pontes ou Ponte do Bico, pertence ao concelho de Amares. A confluência dos rios Homem e Cávado não seria motivo de uma observação pensada e meditação profunda, se esse local não oferecesse razões fortes para o trazer para as colunas de Tribuna Livre, jornal regionalista que não regateia favores para trazer à luz da publicidade todos os assuntos e motivos dignos de registo, a bem da grei e a bem da Nação.

A 7 quilómetros da sede do concelho e a outros tantos da cidade de Braga, esse paraíso topográfico, único que os bracarenses têm à mão dos seus habitantes sem recursos para delongas nas nossas lindas praias marítimas, foi descoberto em primeiro passo, pelo sr. António Fernandes, aí residente e proprietário, há muitos anos, de um talho de carnes verde, onde acaba de construir o primeiro ninho desse paraíso:

Um luxuoso bar e restaurante em que todos encontram conforto, carinho e honestidade moral e comercial, digna de louvores.

O capital despendido com a construção dessa verdadeira pousada turística, arreda do espírito a ideia da miragem de lucro que o recompense, para nos convencermos que foi o seu bairrismo, o amor à terra, a sua participação pessoal no progresso local, sem garantias que não sejam os frequentadores estimulados por esse conjunto de belezas locais, que lhe possa dar coragem para poder continuar a oferecer a todos e em especial à classe remediada, conforto nesse oásis que só Deus podia otorgar como prémio aos povos que nele vivem e o podem contemplar.

Como amarense, felicito o autor da arrojada empresa e também me quero contar no número dos frequentadores accidentais, por não saber nadar para enfrentar as embravecidas ondas das praias marítimas, onde só se salvam os portadores de corleiras volumosas, salva-vidas muito escassos no nosso meio...

Elísio Gonçalves

Caires

Baptizado

Foi o do menino António Ferreira Lopes, filho do nosso bom amigo e cristão fervoroso Domingos do Nascimento Ferreira Lopes e de sua Ex.ma esposa Delfina de Jesus Ferreira. Foram padrinhos Carolino Alberto Vieira, abalizado mestre de obras e sua Ex.ma esposa D. Alzira Maria Antunes, do lugar do Sobrado, desta freguesia. Ao neófito, que nasceu em dia de S.to António, a seus pais e padrinhos, os nossos votos de felicidades.

Casamento

Vai realizar-se, no Brasil, o do Senhor Francisco José Brandão, filho do João Brandão e de Ludovina Rosa da Costa, do lugar das Pousadas, desta freguesia, com a gentil menina Maria Amélia Antunes de S. Paio de Seramil, filha de João Hilário Antunes e de Maria Rosa Gonçalves. Aos noivos, dotados de muito boas qualidades de trabalho no Rio de Janeiro, desejamos-lhes as maiores venturase felicidades.

S. Pedro Fins

Na próxima 2.ª feira dia, 29, vai realizar-se uma grande festividade em honra de S. Pedro Fins na sua capela, sita no Alto do Monte. É precedida de duas grandes peregrinações. Uma sai da Igreja paroquial de Caires e a outra sai da Igre-

ja paroquial de Paranhos. Estas duas freguesias, unidas, vão agradecer ao nosso milagroso Santo as graças recebidas do Céu, mormente no que respeita as trovoadas, para que nosso Senhor no-las mande livre de perigos, intercessão de S. Pedro. No fim da festa, uma briosa comissão vai estudar o local por onde fica melhor abrir-se a estrada, para assim darmos início a este grande melhoramento. Quem desejar assistir, apareça no local.

Salão paroquial

Vai adiantado e está quase pronto este nosso sonho. É grande, espaçoso, airoso, etc. Todos estão conformes e ao agrado de toda a gente; precisamos também do auxílio de todos: presentes e ausentes.

De Visita

Deram-nos o prazer das suas muito estimadas visitas, os Senhores Abílio Rolim e sua Ex.ma esposa D. Izaura do Penedo, Fernando de Azevedo e Aires Neiva de Oliveira. A todos os bons amigos, os nossos agradecimentos.

Aniversários

Festejaram os seus anos, no dia 24, o Senhor João Baptista Vieira, João Pedro Coelho e a Senhora D. Maria da Graça da Silva Almeida (em Angola) e no dia 25 o nosso simpático jovem Manuel Joaquim Almeida Vieira, do lugar do Paço. A todos desejamos uma longa vida e felicidades.

C.

De Caldelas

Professores e Alunos do Instituto de Altos Estudos Militares, CURSO para promoção a oficiais superiores das Armas e Serviços.

CALDELAS, 21—Com a presença dos professores (coroneis e majores) do I.A.E.M. e sob a direcção do Sr. Brigadeiro Augusto Manuel das Neves, encontra-se há dias instalados nos hotéis destas Termas, mais de uma centena de capitães, alunos do I.A.E.M. que estão a fazer as provas finais para o curso superior das armas e serviços.

O movimento da estância era já grande, mas com a presença dos senhores oficiais nota-se um movimento que faz lembrar o mês de Julho.

Os vários carros do exército e a presença dos senhores oficiais dá uma nota de distinção a esta terra, toda cheia de belezas naturais que os que nos visitam muito admiram e apreciam.

C.

Besteiros

Festa a S.to António

No domingo passado realizou-se nesta freguesia uma linda festa em honra de S.to António, tudo a expensas do seu grande devoto José Maria Gonçalves, (Baptista) do Areal, que também mandou encarnar a imagem de S.to António, numa das melhores casas de Braga, ficando um prior. Tudo correu bem e a festa da Igreja foi abrilhantada com foguetes e com as nossas lindas Irmandades.

S. Paio

Nos dias 25, 26 e 27 realizou-se aqui a solene festividade do padroeiro S. Paio, juntamente com a soleníssima festa do Sagrado Lausperene.

Doentes

Tem guardado o leito a Senhora D. Rosa Almeida (da Deveza) e o menino Faria, filho do nosso bom amigo Adelino do Bárrio. Desejamos-lhes um pronto restabelecimento.

Casamento

A gentil Menina Clotilde do Céu Ferreira Vieira da Cunha, filha mui estremecida do Senhor Egídio Vieira da Cunha vai brevemente casar-se no Sameiro, com o abastado proprietário da Feira-Nova Senhor Dionísio Esteves da Silva, do lugar de Além. Desejamos a este novo lar, as melhores bênçãos de Deus, paz e felicidade às famílias.

C.

BOURO

Abastecimento de Água

Estão em curso, já desde a semana passada, as obras referentes ao abastecimento de água à freguesia, melhoramento de extraordinária vantagem para a localidade, o qual ficaremos devendo ao dinamismo e actividade da actual Junta de Freguesia, com especial referência para o seu Presidente, que tanto se tem sacrificado em benefício da sua terra Natal.

Conforme promessa feita, quando demos a notícia de que iam ser iniciados os trabalhos, vamos lembrar uma opinião que podia, sem má intenção, ter escapado a alguém que orienta os trabalhos. Seria de toda a conveniência que no Largo do Terreiro fossem instaladas bocas de incêndio. Para o efeito torna-se necessário o aproveitamento da máxima pressão, a fim de que a água possa garantir a suficiente alimentação das bombas em caso de incêndio.

A água a pressão elevada, tinha ainda a vantagem de poder utilizar-se na lavagem de carros, o que por vezes é muito deficiente.

Como está projectada a instalação de um fontanário no Largo do Terreiro, o que na verdade muito o embeleza, seria aconselhável o seguinte: A água que vai alimentar esse fontanário devia sair do depósito em cano separado, para evitar a perda de pressão, ou então colocar um fontanário de torneira, que se fecharia em caso de emergência.

Sabemos que o caudal é bastante volumoso, portanto mais que suficiente para alimentação dos fontanários projectados. Por tal motivo, julgamos aconselhável que seja fornecida água ao domicílio, a qualquer pessoa que a requirir. Isto constituiria uma regular receita para a Junta de Freguesia, que lhe permitiria enfiar certas despesas.

Uma vez solucionado o abastecimento de águas, seria bom que a Junta de Freguesia diligenciasse para a construção uns mictórios no Largo do Terreiro, cuja falta muito se tem feito sentir. É vergonhoso que um local onde estacionam elevado número de excursões, esteja despojado des-

te tão benéfico e necessário melhoramento. Talvez que seja indispensável o subsídio camarário, mas a Ex.ma Camara terá em conta as razões que nos assistem.

Ficamos aguardando que ao fim não tenhamos de apontar algumas irregularidades e para isso é indispensável que não haja intenção de favorecer alguém, com prejuizo dos restantes. Se este ou aquele desejar um fontanário junto da porta, cujo lugar não o justifique por ter poucos habitantes, deve exigir-se que o interessado tome à sua conta o transporte e o pagamento da água que consumir. Isto porque alguém nos ventila possíveis favoritismos.

Oxalá que tudo se faça com a máxima honestidade, para podermos elogiar quem contribui para tão importante benefício.

A. Fernandes

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, o sr. Daniel Lourenço Martins; Quinta-feira o sr. José António da Silva Almeida.

HUMORISMO

Gostamos de batatas

Disse o menino rico:

—Lá em minha casa todos gostamos de batatas.

Costumamos comê-las com carne. E na tua?

Disse o menino pobre:

—Na minha, quando as há, comemo-las com apetite.

Cinema

Na Esplanada dos Bombeiros Voluntários

Todas as sextas-feiras

Sessão de cinema em seu benefício.

Auxiliai os nossos Bombeiros, assistindo a estas sessões.

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

rais, quebrados os laços da unidade por uma tempestade que soprou de fora.

Tinha-se visto que os religiosos de Rendufe, perdido o respeito pelas regras monásticas, saíram a arca-buzar no avanço sobre Braga (1809) as legiões iconoclastas de Soult, e nunca mais se acomodaram à disciplina do recolhimento.

Como estes, e um pouco mais tarde, 1832-34 outros tantos, fardando-se e tomando as armas, quiseram salvar a honra dos conventos contra uma infidelidade mais perigosa do que aquela que em 710 desembarcou no Calpe, mas o tempo e oportunidade de aparecerem em campos de batalha os «cavaleiros negros» havia muito que tinha passado.

A vingança e represálias eram inevitáveis e não é preciso sair do âmbito destas terras para observar os seus terríveis efeitos. Não vale a pena continuar a pintar por palavras quadros mais tristes; basta transpor as portarias de Bouro e Rendufe — e olhar à volta...

Duas Casas, que arrancaram, os seus alicerces lá dos primórdios da Nacionalidade — estiveram-lhes ligados, por espaço de séculos, grande parte dos destinos e grandezas de Entre-Homem e Cávado.

Agora — Desolação!...

Em princípios do século VIII, uma terrível impiedade, em pessoa, invadiu a Espanha toda inteira e, sabendo de boa fonte, fôra atraída pela frouxidão dos costumes e das instituições, representada em Opas e Juliano que, feridos em seu orgulho cego e desmedidas ambições, abriram as portas ao inimigo que assolou estas terras e não ficou pedra sobre pedra, de seus velhos monumentos. A Abadia foi mártir da invasão sarracena.

O erro de uns poucos custou o sacrifício de muitas dezenas de gerações, em que a cavalaria religiosa, bela criação do tempo, prestou à causa do Resgate o mais avultado serviço, dignificando-se com emulação nunca vista em campos de batalha, onde a cruz sempre acompanhou a espada, para salvarem unidas os restos da monarquia visigótica, levada à ruína.

Nos princípios do século XIX, a poder de más doutrinas espalhadas no mundo civilizado, nova impiedade invadiu desta vez as almas, e foi tanto pior, quanto é certo que tarde e mal deixará de causar seus grandes estragos e os males que ainda estão patentes à vista.

Uma obra erguida daqueles primeiros escombros, património de valores e tradições multisseculares, enriquecido e embelezado quanto, humanamente fora possível no período de muitas gerações, também aqui para salvá-lo então se improvisou uma desordenada cavalaria religiosa que participou nos combates ao lado das milícias.

Tudo, porém, foi ineficaz: simplesmente provocou maior golpe, desacertado mas violento e com efeito para a exterminação de tudo quanto representava uma força moral e valores que podiam contar para sua manutenção e continuidade. Foi a desencadeada perseguição religiosa, formulada de modo especial na supressão de todas as ordens monásticas e com anexação do seu vastíssimo fundo cultural aos bens nacionais.

O que na paz e silêncio dos claustros se meditou com paciência, estudou e compôs para a grandeza da agricultura, das artes, das ciências e das letras; da pintura, da escultura e arquitectura; na organização de soberbas bibliotecas; donde partiu o empreendimento do apostulado missionário e onde principalmente a vida dos campos teve o seu fulcro e íntimo contacto, recebendo daí os focos de luz que a tiraram do natural embrutecimento de modo a criar os foros de beleza, da celebridade e poesia que lhe foram consagrados — tudo foi no mesmo instante ameaçado de extermínio e condenado a marasmo em que passou a viver, ao descarregar do golpe que tentou decepar o «velho tronco caduco.»

Encerra-se assim, em ligeira retrospectiva histórica, esta oportuna compilação de documentos respeitantes a uma agitada época da vida nacional, a qual ainda exerce seus detestáveis efeitos e influências em espíritos retrógrados e que mal se deixam corrigir pelas eloquentíssimas lições de um passado pouco distante, empenhados pelo sistema da facção e da desordem que o caracterizou; sobretudo os que teimam em haurir, como então, os ventos que sopram de fora, sem se deixarem rectificar em suas consciências pelo lema da união e solidariedade que outrora fizeram grandes e invencíveis os mesmos aglomerados populacionais destas pequeninas mas heróicas terras.

(Continua no próximo número)

Visado pela C. de Censura

Comentários

(Continuação da 1.ª página)

dispensou, cuspiu no prato em que comeu. Mas isso pouco importa, porque em geral os escritores brasileiros que têm sido homenageados pelo Governo Português, são muito menos gratos do que aqueles que recebem homenagens da Rússia Soviética. O que interessa no caso é a série de incoerências e contradições da

Tribuna do Concelho

(Continuação da 3.ª página)

Santa Casa da Misericórdia de Amares

Movimento de doentes, registado nos meses de Março e Abril:

Consultas — Homens — 428
mulheres 456 = Total 974; Visitas domiciliárias — Homens — 6
Curativos — Homens — 128 — mulheres 314 = Total 442; Injeções aplicadas, fornecidas gratuitamente — Homens. 191 — mulheres 756 = Total 947; Tratamentos pelos agentes físicos: Homens, 8 — mulheres 73 = Total 81; Vacinações diversas 159; Lactação de crianças mais necessitadas de ambos os sexos, 304.

ÓBITOS

António de Araújo, de 73 anos, viúvo, agricultor, Besteiros — Amares, dia 6 de Junho.

Ricardo Laranjeira, de 74 anos, viúvo, jornalista, Caldeas, — Amares, dia 15 de Junho.

Maria Antónia Saraiva, de 79 anos, viúva, doméstica, Dornelas — Amares, dia 19 de Junho.

Anúncio

Pelo Juízo de Direito desta comarca correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, Arminda Gomes de Abreu e marido Manuel Cardoso de Abreu, proprietários, residentes no lugar do Barrio, Freguesia de Ferreiros, Amares, para no prazo de dez dias, posterior ao dos editos, deduzirem os seus direitos na execução que contra aqueles move o Dr. António José da Costa, advogado, residente em Braga.

Vila Verde, 20 de Maio de 1959.

O Chefe da 1.ª Secção,
Mário Mendes Galinha
Virifiquei
O Juiz de Direito
Manuel Alves Peixoto

fam. sa carta de Erico, nada veríssimo.

Querem ver?

1) Diz que fez conferências em Coimbra, no Porto, em outras cidades, quase sempre em estabelecimentos de ensino e informa que pôde dizer o que bem entendeu, inclusive repelindo qualquer ditadura ou regime que roube ao povo a sua liberdade. Com isso Erico inveríssimo está dando testemunho de que em Portugal existe liberdade. E' ele mesmo quem o prova, já que falou quanto quis e o que quis.

2) Diz que falou no anfiteatro da Faculdade de Medicina de Lisboa e também ali se abriu à vontade, declarando que «seria desonestidade ou cobardia não falar claro numa hora como esta». E' mais uma prova da liberdade que existe em Portugal, pois Erico, o inveríssimo falava isto num estabelecimento oficial de ensino. Portanto, era o Governo de Salazar que lhe dava a tribuna. Mais do que liberal, generoso para com o adversário que, não sendo português, nada tinha a ver com a política de Portugal.

3) Informa que recebeu uma homenagem no Círculo Eça de Queirós, sendo todos os que ali estavam salazaristas. Vejam só: o trocumento Salazar permite que seus amigos rendam homenagem a um estrangeiro que foi a Portugal meter-se na política do país e agredir o Governo desse mesmo Salazar... Quem, o diz? O próprio, agora veríssimo Erico.

4) Mas agora vem uma nota deliciosa. Erico é inimigo das ditaduras em países alheios, mas bom servidor de ditaduras no Brasil...

Pois não é que arranjou jeito de reproduzir uma calúnia lançada contra os integralistas brasileiros, dizendo que que estes queriam matar o ditador Vargas e a sua família? Essa balela, já desmentida com provas, só é repetida pelos comunistas, depois que a ditadura de Vargas a lançou no mercado. Mas Erico, que foi servidor da ditadura no Brasil (pois enquanto Plínio Salgado se achava exilado e muitos dos seus companheiros presos, ele, o Erico, estava tranquilamente plagiando páginas de «O Esperador no seu livro» «Um lugar ao Sol») era um daqueles que na ditadura, que imperou no Brasil de 1937 a 1948, também tinha seu lugar ao sol...

A carta de Erico é dirigida aos «Companheiros». Nós bem sabemos quem são esses «companheiros». Será bom que Erico experimente visitar a pátria dos «companheiros» e, no anfiteatro da Escola de Medicina de Moscovo, ou nas Universidades Soviéticas, experimente criticar o liberalíssimo Governo de Kruchitchev.

Mas Kruchitchev sabe como se compram as simpatias dos espíritos altamente nobres e

de valores das liberdades humanas, como nos quer impedir esse inveríssimo.

Quando a nós, diremos a Erico que ele pode iludir os tolos, não aqueles que conhecem de onde vem a companhia que se desencadeou contra Salazar. Pois basta perguntar: Qual o motivo por que os comunistas, que toleram os milhares de condenações à morte, os assassinatos numerosos e os campos de concentração, a censura de Imprensa, na Rússia Soviética, se insurgem contra um Governo, como o de Salazar, que afinal de contas, deixa bem à vontade todos os tartufo que aparecem na terra portuguesa?

Aos Terrabourenses

(Continuação da 5.ª página)

restrito da mesma e publicar a carta do nosso douto terrabourense Esteves de Aguiar que certamente vai servir de incentivo.

Terras de Bouro necessita em absoluto da Tribuna, não só para defesa dos seus interesses e aspirações mas também como instrumento de divulgação e expressão e o número de assinantes aumentará com o número da notícias que lhe digam respeito.

Com votos por que os terrabourenses se compen-trem da necessidade pungente dum órgão que leve a toda a parte o nome da sua terra e seus problemas e se resolvam a colaborar com as suas notícias e assinaturas para uma Tribuna cada vez melhor, me subscrevo.

De V.ª Ex.ª, atentamente.

José António de Araújo

Desporto

Continuação da 5.ª página

Lançamento do Dardo

(800 gramas)

1.º. António Rui — Porto), 39,ª 12; 2.º. Urbano Pinheiro (Académico de Braga); 3.º. Abel Vinagre (Porto); 4.º. Manuel Mendonça (Académico) e 5.º. Fernando Marques (idem).

Estafeta 4x100 metros

1.º. — Académico do Porto.
2.º. — Futebol Clube do Porto.
3.º. — Académico Balter Clube de Braga.
4.º. — Sport Comércio e Salgueiros.

Classificação Colectiva

1.º. Futebol Clube do Porto, com 175 pontos e 11 títulos.
2.º. Académico do Porto, com 135 «e 7».
3.º. Académico Balter Clube de Braga, com 38 pontos e 2 títulos.
4.º. Sport C. e Salgueiros, com 23 pontos.
5.º. — Centro Universitário do Porto, com 9 pontos.

(NECAS)

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 36

(CONTINUA)

e *homens da Falla* e de alguns homens mais velhos que tinha a Freg. a que eram os que podiam dar noticia destes ditos usus e em presença de m. tos mais fregueses, os coais Juiz da Freg. a e homens da Falla e os mais velhos desta Freg. a assignarão comigo aqui todos estes capitulos e usus e costumes desta Freg. a de Sam Joam da Valança — eu o Padre M. el da Silva Marques — do Juiz Francisco Gonçalves — Ignacio de Araújo da Silva — Custódio de Andrade Rabello — Sebastiam Vieira L. te — Diogo Pires — de M. el Francisco do baral hua cruz — António Mathias — Domingos L. te de araujo — Domingos andre — E nam continha nos usus e costumes deste libro os coais tresladei bem e fielmente dos usus dos Fregueses sem linha nem entrelinha nem cousa que fasa duvida alguma, sem acrescentar nem deminuir cousa algua, aos coais me reporto em tudo e por tudo e por verdade fiz este termo em que me asigno do signal que usu hoie de Julho 27 de 1742 annos eu o P. e Domingos Simões de Sousa cura nesta Igre. de Sam Joam da Valança.»

Não diferiam muito de uma para outra freguesia estes títulos de usos e costumes, por isso o presente aqui se transcreveu afim de saber-se em que condicionamento de vida viveram e morreram nossos avós, com uma grandeza e elevação moral que transparecem da própria ingenuidade; e, se esta é capaz de fazer rir os néscios, também é certo que mais pode causar a admiração dos sábios.

Estes papeis amarelecidos, que ainda se descobrem pelos velhos arquivos das nossas aldeias, prestar-se-iam a maravilhosos comentários, se não tornassem demasiado longo este trabalho.

Pergunto apenas o que é feito desses *Homens da Falla*, desses *Homens velhos* que a dignidade e a honra distinguíam entre os demais como élite ou escol no modo antigo do viver rural, de saudosa memória.

Procurou-se demagógicamente reduzir tudo a um mesmo plano, tudo abater em tábua rasa, mas as naturais preeminências sempre hão-de per si mesmas levantar-se do aniquilamento a que se tentou submetê-las.

A reforma social, a partir dos maiores rurais que alimentam e fortalecem as vilas e as cidades, é dos empreendimentos que não se compadecem com demoras nem omissões!

* * *

Das Inquirições de 1220: Os filhos e os netos de Paio Guisores e os mesmos de Paio Cides devem concorrer a fazer o Castelo e à entrovicada, etc.

(Continua no próximo número)

Sinalização

(Continuação da 1.ª página)

mente maiores distâncias por uma estrada pior do que aquela que partindo de Entre Pontes, serve todo o concelho sem o menor desvio.

Há dias foi um Inspector do Ensino Particular de Lisboa que, para vir à Feira Nova de Amares, vindo de Braga, enveredou por essa estrada.

Noutra ocasião um turista que se dirigia ao túmulo de Sá de Miranda — Carracedo — Amares, rodou por essa estrada, enganado.

Anteontem, 4 veículos dos paraquedistas que se diri-

giam a Caldelas, — Amares, também por aí vieram pelo que tiveram de suportar 9 quilómetros de estrada poeirenta, entre Feira Nova e Caldelas, mal dizendo as sinalizações.

Hoje, um automóvel que se dirigia a Lago-Amares, passou aqui a informar-se desta localidade; esse, então, fez um verdadeiro circuito.

É pois urgente retirar dessa placa o nome de Amares, que induz em erro e que tantos prejuizos e arrelias está a causar. A referência, a «Ponte do Porto» é necessária, mas mais não. Aqui fica o nosso reparo, que esperamos seja atendido.

Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES.

A INTRUSA

(Continuação da 2.ª página)

le inocente veio sentar-se junto à esposa contemplando o fruto da Misericórdia de Deus.

Quadro divino jamais reproduzido por pintor algum. Nem Zisga, O galego, Leonardo da Vinci ou Rembrand foram capazes de fazer surgir na tela obra de tão alto valor.

Aqui, o pintor era Deus e as personagens três corações angélicos e desconhecedores do mal.

Durante alguns dias preparou-se o enxoval da pequena Alice. Só mais tarde, depois de tudo pronto se lembraram de procurar a desventurada mãe.

Havia sido encontrada morta na praia. Por certo tinha-se afogado. Levaram-na para um canto do cemitério, onde são enterrados aqueles que não vêem Deus.

Marta foi lá.

Com Alice nos braços jurou amá-la, criá-la como sua. Cumpriu.

Depois na sepultura um ramo de rosas vermelhas que eram como que um grito angustiante naquele ermo de solidão e dor.

Depois, apertando contra o peito o seu tesouro, regressou ao lar.

Cumpriu várias formalidades para que ninguém, mais tarde, lhe pudesse roubar a sua fihinha.

Passaram-se dois anos. O Céu enviou-lhe uma outra.

Porém, Alice, a dos olhos maravilhosos, viveu sempre no coração dos pais como uma princesa encantada.

Não era bela, mas era formosa de alma. O seu coração estava totalmente votado a um nobre ideal: FAZER BEM.

Ana, a irmãzinha, era uma loura boneca. Adorável com os seus olhos azuis. Um pouco tirana. Orgulhosa dos dotes da natureza.

Foram-se criado lado a lado, com amor, sem que o segredo fosse jamais revelado. Aos vinte e dois anos a jovem «Ali, era já professora secundária.

A irmã aos vinte ingressa ao Instituto com o fim de seguir a mesma carreira.

O primeiro ano vence-o com ajuda da irmã. O segundo fica em meio, pois não gosta de sofrer derrotas.

Passado tempo casa com um engenheiro, Carlos Alberto Sequeira Pinto.

Viviam numa casinha florida onde reinava a felicidade.

Alice mantinha-se junto aos seus «queridos pais» sem vontade de constituir, por enquanto, um lar. A várias perguntas a esse respeito dizia sempre.

—Tenho tempo. Mas que aflicção meus amiguinhos. Parece-me que têm uma agência de casamento; isso não vale!

Depois, ria feliz... A vida corria calma mas, há sempre um mas. Um dia, Vasco e Marta, os pais ama-

Aos Terrabourenses

Recebemos mais uma carta de um filho de Terras de Bouro, que muito nos apraz inserir nas nossas colunas.

É desejo veemente deste Semanário manter uma honrosa secção dedicada a Terras de Bouro e apesar do diminuto noticiário que nos chega às mãos, nós continuamos a dar-lhe o mesmo destaque que ao noticiário do Concelho de Amares. Esta é a prova evidente de que se deseja preparar ambiente para que Terras de Bouro colabore e defenda aqui os seus interesses locais e leve por nosso intermédio uma digna mensagem aos ausentes, prendendo-os, por este elo espiritual do pensamento e do noticiário, à terra natal. Esperamos que esta carta, que vamos reproduzir, do senhor alferes José António de Araújo, possa concorrer para que os terrabourenses colaborem melhor. Pedimos especialmente aos Rev. mos Parocos e Autoridades, que se encontram

mais em contacto com os problemas locais e anseios da população, que nos enderecem o seu noticiário, especialmente aqueles que temos convidado, ou convidamos de futuro.

E agora, a carta:

Nova Lisboa, 13-6-59

Senhor Director:

Também a estas paragens recônditas do continente africano vai chegando, de tempos a tempos, a «Tribuna Livre» como uma mensagem de saudade aos oriundos de «Entre-Ho-mem e Cávado».

Infelizmente, para os terrabourenses que por aqui lubutam, as notícias referentes ao seu concelho são tão raras e diminutas que deixam uma sensação «de vazio» após a leitura. Por isso endereço a V. Ex. cia, em nome dos terrabourenses em África, os sinceros agradecimentos por inserir nas colunas de «a Tribuna» um apelo aos terrabourenses para colaborarem no regionalismo

(Continuação da 4.ª página)

dos, vão fazer uma viagem. Sofrem um desastre e morrem.

Oh! Quantas lágrimas correram pela face da Alicinha!

Foram momentos de intensa dor. Horas desesperadas, pedações da alma que se desfaziam contra o mundo adverso.

A calma, porém, tenta reinar.

Ana como sempre exige que tudo seja partido igualmente. À sua moda. Faz-se um inventário.

E, foi durante esse inventário que o inevitável se deu.

Numa gaveta, escondido, estava um rolo de papeis presos com uma fita rosa. Eram folhas soltas escritas com as lágrimas de Marta e a ansiedade de uma mãe de coração, uma mão divina.

Ana ri. Agora vingar-se-ia daquela irmã que sempre odiara. A quem desprezava apesar de tentar aparentar o contrário. Aqueles olhos. Aquele sorriso... Odiava-a. Vingança.

Como louca corre ao encontro da acusada, estende a mão e aponta a porta gritando:

Sai intrusa. És uma infame. Sai imediatamente. Intrusa.

A irmã e o marido aproximam-se, tentam acalmar aquela rapariga que parece ter enlouquecido. Ela, porém, afasta-os e lê, rindo, várias passagens do diário de sua mãe.

Ela bem sabia que eram momentos de angústia que a querida morta tinha vivido e de que guardara, com lenitivo, as folhas testernunhas.

Diário de uma mãe:

«Meu Deus, que eu possa

criar esta criança no vosso amor, para vossa maior glória. Que ela seja a vossa fiel escrava e eu uma boa educadora. Senhor, que ninguém ma tire nem me diga nunca que não é minha.

Que Ana receba bem a minha Alice e, nunca descubra que não é realmente sua irmã. Ela é um pouco tirana. Que a minha Alice seja boa, minha Alicinha. Que Deus tenha nos céus os seus pais para que ma não venham buscar».

Ana não mede razões. Apon-ta a porta à irmã e grita:

—Sai intrusa. Mulher infamante que me roubaste o lugar. Vil impostora que não te importaste de saber se os meus direitos eram respeitados. Sai... int...

Não digas mais, grita a infeliz Ana, eu já sei. Sou intrusa? Mas não, não sou! Isso não, Ana! Nunca o fui na tua vida. Amei-te como uma irmã. Quis-te muito. Posso ser uma estranha mas intrusa não.

Foge, estarecida, leva nos olhos um rolo de papel amarelecido e preso por uma fita rosa, já debutada!

Intrusa... Intrusa... Intrusa... Não, nunca. Intrusa nunca.

Foge, fuge sempre.

Depois, uns travões, gritos. Uma cama de hospital, a irmã chorando...

—Ana, estranha sim, intrusa não.

in... tru... sa... n... não. Morreu, porém; no cérebro daqueles que a ouviram, ficaram para sempre gravadas estas palavras:

Estranha sim, intrusa, não!

Jandira Fernandes

Tribuna Desportiva

Brilhante comportamento do «ACADÉMICO BASKET CLUB de BRAGA,» nos Campeonatos Regionais do Norte de ANDEBOL e ATLETISMO (Principiantes)

Andebol de sete

Prosseguiram os jogos do Campeonato Regional do Norte de Andebol de sete, cujos resultados foram os seguintes: 1.ª série: — Rio Ave — Académico de Braga-4-11; Ferroviários — Boavista, 3 — 12; Desportivo da Póvoa — Académico do Porto, 7-8; 2.ª Série: — Desportivo de Portugal — Leixões, 9-9; Espinho — Vigorosa, 7-9.

Rio Ave-4, Académico de Braga, 11

No campo das Cavadas, no Porto, o «A.B.C.» venceu com inteiro merecimento o seu adversário por margem folgada.

O único representante bracarense, que possui uma equipa valorosa, promete ir longe, pois dos jogos efectuados apenas perdeu com o Boavista, no campo deste, por 14-13, pelo que na segunda volta os briosos atletas do Académico de Braga, irão bater-se para se isolarem no comando.

Sob a arbitragem do Sr. Alvaro Teixeira, os grupos alinharam e marcaram:

Rio Ave: — Mário, Oscar, Duarte, Filipe, Vidal (3), Castro e Jorge (1);

Académico de Braga: — Tenente Santos, Gandarela, Jerónimo (1), Ferreirinha (1)

José Alberto (1), Larcher Graça (6), Creissac, Varandas (2) e Sousa;
Arbitragem boa.

Classificação

	J	V	E	D	P
Boavista F. Clube	4	4	0	0	8
Académico de Braga	4	3	0	1	6
Académico do Porto	3	2	0	1	4
Ferroviários	3	1	0	2	2
Desportivo da Póvoa	4	1	0	3	2
Rio Ave	4	0	0	4	0

ATLETISMO

Campeonato do Norte de Principiantes

O Futebol Clube do Porto, com 175 pontos e 11 títulos, foi o vencedor colectivo, seguido do Académico do Porto, com 135 pontos e 7 títulos e Académico de Braga, com 38 pontos e 1 título.

A última jornada do Campeonato do Norte de principiantes, efectuada no passado Domingo no Estádio das Antas, forneceu os seguintes resultados:

100 Metros (Eliminatórias)

1.ª Série: — 1.º José Vinagre (Académico), 11, 9 s. 2.º João Jorge Silva (Académico de Braga) mesmo tempo e 3.º Jorge Silva Santos (Centro)
2.ª Série: 1.º Jorge Nogueira Sousa (Académico), 12s; 2.º Má-

Revisão Constitucional

(Continuação da 1.ª pág.)

Da mesma forma será improrrogável o mandato de 4 anos por que serão eleitos os deputados.

Recordamos, em face disto,

rio Ramos (Porto) e 3.º João Barros Afonso (Académico de Braga).

Ficaram apurados para a final os dois primeiros de cada Série.

Salto em Altura

1.º. Elísio Vieira Gonçalves (Académico de Braga) 1, 60; 2.º. Rui Espírito Santo (Porto) Lançamento do Disco (2 kg)

1.º. Fernando Veloso (Académico) 28, 75; 2.º. Urbano Pinheiro (Académico de Braga); 3.º. António Pereira (Académico); 4.º. Carlos Jorge (Porto); 5.º. Lício Correia (Idem); 6.º. Anibal Cunha (Académico).

Final dos 100 Metros

1.º. Jorge Nogueira (Académico), 11, 7 s. 2.º. José Joaquim Lemos (Salgueiros); 3.º. José Vinagre (Académico); 4.º. João Jorge Silva (Académico de Braga); 5.º. Luis Borges (Centro); 6.º. Mário Ramos (Porto).

Tripla Salto

1.º. Joaquim Lopes (Porto) 11, m 96 — 2.º. Elísio Vieira Gonçalves (Académico de Braga) — 3.º. (Espírito Santo (Porto); 4.º. Victor Alberto Araújo (Académico de Braga) — 5.º. António Rui (Porto) 6.º. — Francisco Pereira Junior (Académico de Braga).

que as medidas de renovação adoptadas para com os presidentes dos municípios, consentindo-se em duas prorrogações do mandato e ainda uma terceira (esta segundo uma infeliz emenda do projecto governamental), foi de uma elasticidade exagerada e, mais tarde ou mais cedo, necessitará de sofrer a necessária actualização, enquadrando-se na linha de rumo que vai fazendo carreira entre nós, como meio adequado ao máximo aproveitamento de valores ao serviço do Regime.

Apraz-nos ainda chamar a atenção para um passo deveras interessante e muito sintomático da actual reforma constitucional, que vem desmentir, formalmente, a ideia de que temos um governo de «poder pessoal» atribuído a Salazar, como se tem propalado. É certo que a excepcional personalidade do Senhor Presidente Conselho exerce poder pessoal e continuará a exercê-lo, mas apenas devido à sua alta craveira intelectual, não

porque lho confira, doravante, a Constituição Política!

O parágrafo primeiro do artigo 107.º da Constituição passou a ter a seguinte redacção: «O Presidente do Conselho é nomeado e demittido, livremente, pelo Presidente da República. Os ministros, os secretários e os subsecretários de Estado são nomeados pelo Presidente da República, sob proposta do Presidente do Conselho, e as suas nomeações por este referenciadas, bem como a exoneração dos ministros cessantes».

Como se vê, a modéstia de Salazar, que inspirou a revisão constitucional, levou-o ao ponto de demittir-se do poder que até agora tinha, de nomear os ministros!

Que dirão ainda, deste ditador, os Ericos Veríssimos a que já chamam, com razão, inveríssimos?!

Quem terá a coragem de continuar a chamar ditador a Salazar?!

EME

Casa de Habitação

Vende-se uma casa de habitação com todo o conforto moderno (casa de banho espaçosa com água quente e fria e ligação especial ao quarto de dormir, cosinha ladrilhada e espaçosa — 9 aposentos distribuídos por dois andares fora as lojas subterrâneas e quintal anexo com terra de horta e latadas que produzem pipa e meia de vinho. O terreno anexo pode servir para outras construções e o local é esplêndido por estar situado à margem da estrada nacional, na área urbanizada da Vila de Amares

Informa a Redacção. Preço acessível.

Propriedades Rústicas

Vende-se um conjunto de propriedades rústicas de lima e rega, de primeira qualidade, com olival, boas vinhas, moinho e terreno bravo anexo, que arrendadas pagam 5 carros de medidas, sitas na freguesia de Ferreiros (Feira Nova), em óptimo local.

Informa a Redacção — Negócio Urgente

Folhetim de «Tribuna Livre, 105.

SEMPRE NOIVOS

Por Porfírio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Geralmente, no Minho, há, em cada aldeia, uma festa anual, consagrada ao santo ou santa de maior devoção e que, quase sempre, é o padroeiro ou a padroeira da freguesia.

O «Juiz da festa», do ano seguinte, é escolhido pelo cessante, e o prègador, antes do sermão, torna público o seu nome, bem como os nomes dos mordomos, mordomas e anjos.

Procuremos assistir, dentre tantas, a uma, por exemplo, à de S. Lourenço, que tem capelinha privativa na linda e aprazível aldeia de Goães.

O «Juiz», «Mordomos» e «Mordomas» envidam todos os esforços para que a festa tenha a maior concorrência de fieis e brilhe em todo o seu esplendor e beleza.

Na procissão, que sai da igreja matriz para a capelinha, tomam parte, quase sempre, três andores (o de S. Lourenço, o de S. Sebastião e o da Senhora do Livramento), muitos guiões e bandeiras de sêda, com imagens de santos e santas, pintadas a óleo; as «mordomas» raparigas solteiras, vão de porta em porta e, muitas vezes, de freguesia em freguesia, pedir emprestados cordões e outros adereços de ouro e cada qual, em segredo, porfia em se apresentar, na procissão, com o pescoço e o peito recamado do precioso metal.

As crianças, vestidas de anjo, andam radiantes de alegria, e as respectivas mães empenham-se em apresentar as filhas mais bo-

nitas do que as das vizinhas, não se poupando, para isso, a despesas e canseiras.

Rapazes e raparigas andam em constante azáfama, os primeiros a fazerem os arcos, por baixo dos quais deve passar a procissão, e as segundas a enfeitá-los de flores ou a revesti-los de algodão.

O «Juiz» convida o melhor orador sagrado, das redondezas, para prègar o respectivo sermão, relativo à vida e milagres do Santo.

Tudo está preparado para o dia 10 de Agosto; no dia 9, ao meio dia, repicam, festivamente, os sinos, sobem ao ar girândolas de fogo; os tocadores dos «Zé-pereira», num barulho ensurdecador, percorrem todas as casas da aldeia, demorando-se mais numas do que noutras, na razão directa de vinho que lhes oferecem, e à noite regressam às suas respectivas casas aos zigzagues, pois mal se podem firmar nas pernas...

No dia seguinte, de manhã, toda a aldeia acorda bem disposta na expectativa de expandir a sua alegria, mercê dos diferentes divertimentos que a festa proporciona.

A procissão já está organizada; à frente, as crianças de vestidos e asas brancas; a seguir os guiões e bandeiras — depois as «mordomas» nos seus «trajes de festa» e carregadas de ouro, desde as grandes arrecadas pendentes das orelhas aos muitos e valiosos anéis nos dedos; atrás seguem os «mordomos» a transpirarem, conduzindo os pesados andores aos ombros.

S. Lourenço é o portador dos primeiros cachos de uvas, tintas e brancas.

Os sinos repicam, o fogo sobe ao ar e a «banda de música» executa o primeiro número do variado e escolhido repertório, pondo-se a procissão em marcha para a capelinha, que dista cerca de dois quilómetros.

(CONTINU)